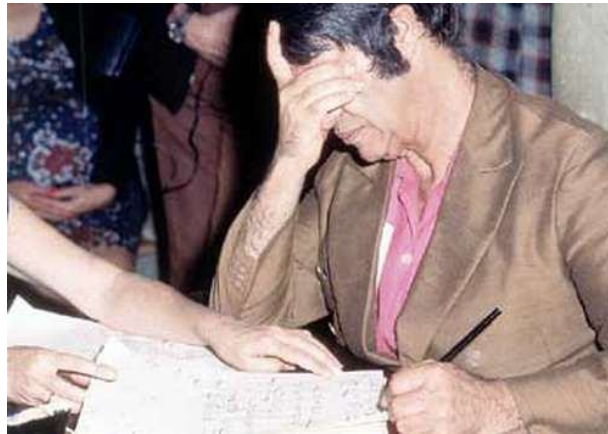


# **O Natal de Sabina**

**Francisco Candido Xavier**

**Pelo Espírito  
de Francisca Clotilde**



*(Chico Xavier)*



## **Conteúdo resumido**

E uma carta viva de uma mãe chamada Sabina que relata as grandes lutas travadas no corpo físico e que foi ditado pelo espírito de Francisca Clotilde.

Leitor amigo:

Francisca Clotilde não é apenas a irmã que veneramos no Mundo Espiritual.

E igualmente a mestra e amiga que nos conquistou pelo coração.

Colecionadora de informes, episódios, ocorrências e anotações, em tomo dos contatos de Jesus conosco, as criaturas da Terra, oferece-nos neste livro luminosa dádiva dos conhecimentos e lembranças que lhe enriquecem a vida. Mensagem de consolação e esperança que dispensa apresentação.

Confiamo-lo a você, dentro da emoção e da alegria com que recolhemos as instruções da generosa Autora, a quem devotamos amor e reconhecimento na maior expressão.

Creia.

Entregando-lhe este brinde da alma, agimos com o respeito e o carinho de quem transmite uma bênção.

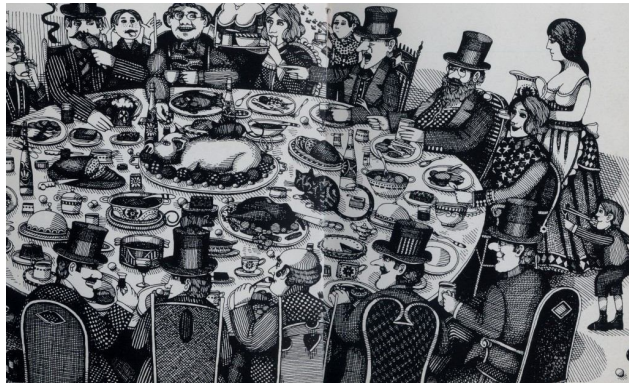
MEIMEI

Uberaba, 19 de Março de 1973

Natal



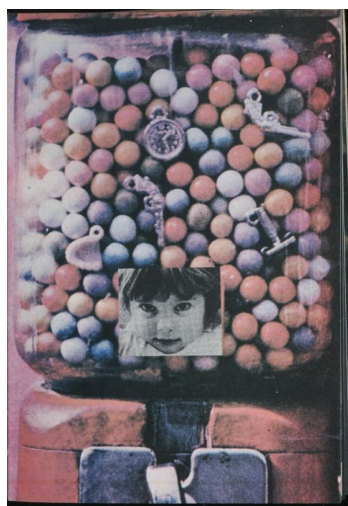
A cidade vibra.  
Desde muito anoiteceu.  
Ouvem-se vozes cantando:  
**"Hosanas!!... Jesus nasceu!..."**



Rodam carros apressados,  
Muitos grupos vão a pé...  
A alegria, em toda parte,  
Traduz esperança e fé.



Enfeites! Guirlandas! Lojas!...  
Cores de todo matiz...  
Quantas mães falando em Deus!...  
Quanta criança feliz!...



Estrelas lembram na Altura  
Alampadários em flor,  
Descendo em bandos à Terra  
Para um festa de **AMOR**.



Em meio de tanto brilho,  
Quase de rastros no solo,

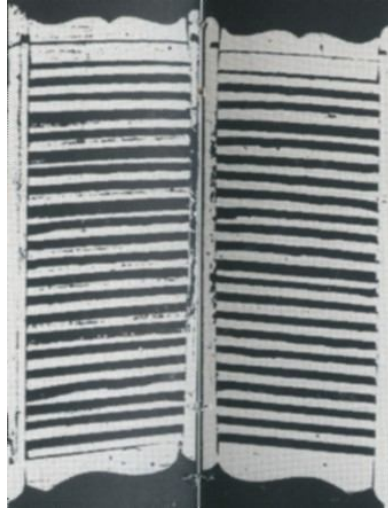
Sabina passa na rua  
Com trapos a tiracolo.



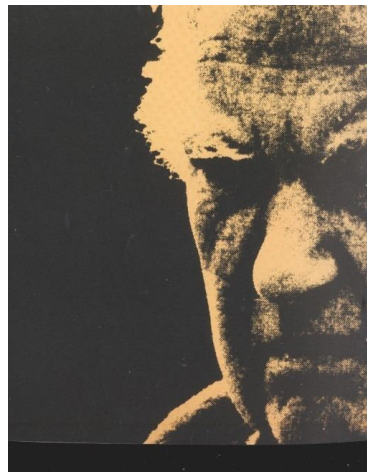
Andrajos cobrem-lhe o corpo;  
Na face desconsolada  
Traz ainda o pó viscoso  
Do leito sobre a calçada.



Abeira-se de uma casa,  
Pede pão, diz que tem fome,  
Afirma-se fatigada,  
Há dois dias que não come...



Um senhor enraivecido  
Ataca de rosto em brasa:



- "O hospício fica mais longe,



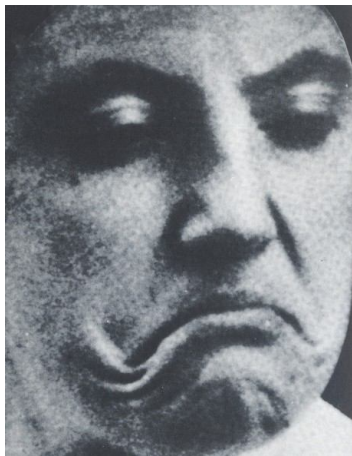
**Afaste-se desta casa..."**



Sabina toma outro rumo,  
Pede bolo à padaria,



Vem um rapaz e responde  
Com manifesta ironia:



**"Não vê que está na cachaça?  
Não nota que cambaleia?"**

**Saia daqui, saia agora!...  
Peça bolo na cadeia"....**



Sabina Ouve....

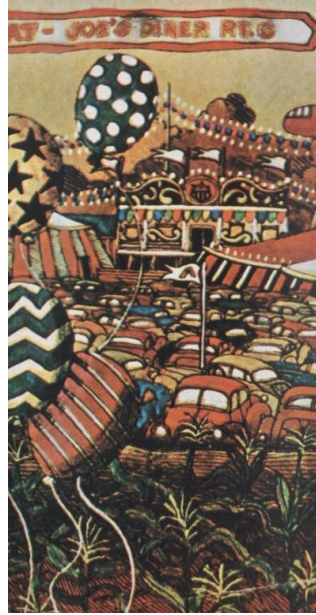


A pobrezinha se arranca,  
Procura, em travessa ao lado,  
Antiga caixa de esgoto  
Num recanto abandonado.

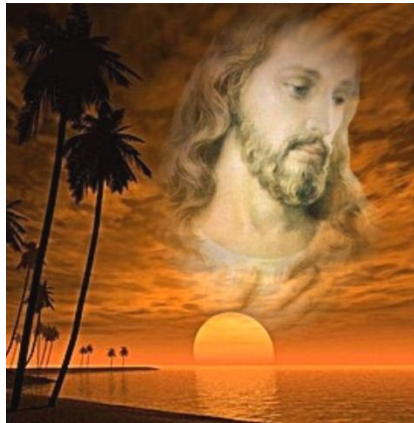


Em torno, a cidade brilha,  
Toda envolvida de luz!...  
Deitada no chão de pedra,

Sabina pensa em

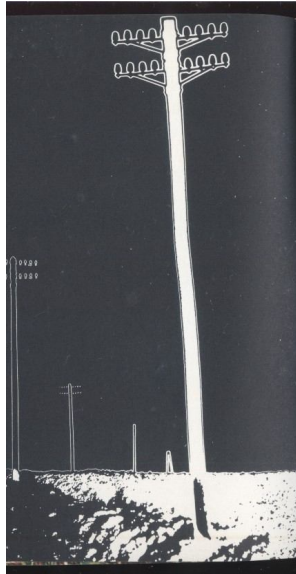


**JESUS**



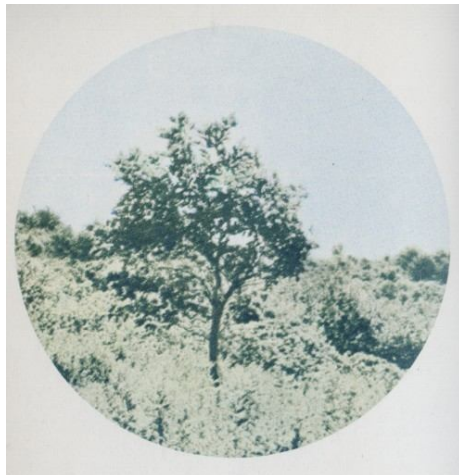
Onde nascera Sabina?  
Vivia, afinal, com quem?  
Era inútil perguntar,  
Ninguém sabia,

Ninguém...



Lavava roupa em fazendas,  
Capinava milharais;

Depois, ficara doente...  
Ninguém a queria mais.



Tivera um filho, o Antoninho,  
Que lhe fora apoio à vida...  
Morrera aos oito de idade,  
Com febre e tosse comprida.



Desde a morte do menino,  
Fazia em tudo supor,  
Abatida e desgrenhada,  
Que enlouquecera de dor...



Era triste, desleixada,  
Andava, de déu em déu,  
Se parava, era somente  
A fim de fitar o Céu.



Nessa noite de alegria,  
Embora sem entendê-las,  
Enfraquecida e cansada,  
Sabina olhava as estrelas.

Parecia o firmamento  
Um campo da primavera...  
Onde estaria no alto

O filho que Deus lhe dera?



Em lágrimas, recordava  
O Natal de antigamente,  
O barraco improvisado,  
O bule de café quente...

Revia, a fel de saudade,  
Os sorriso de Antoninho,  
Ao despejar-lhe nas mãos  
As dádivas do vizinho...



Restava-lhe, unicamente,  
Depois do filhinho morto,  
Doença, frio, abandono,  
Sofrimento, desconforto...

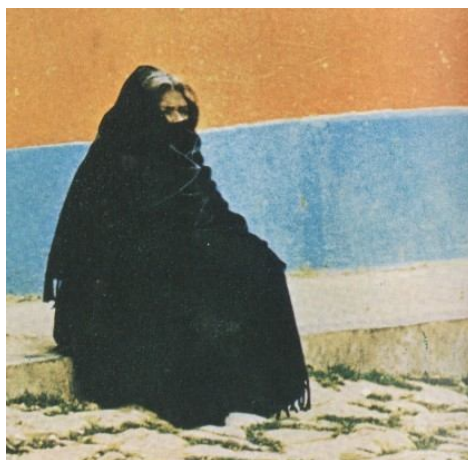


Nisso, alguém lhe surge à frente,  
Homem moço em largo manto,  
Por tudo e em tudo irradia  
Incomparável encanto.



"Sabina - falou o estranho -  
**Em que pensa, triste assim?**  
**Não vê que a cidade inteira**  
**É um luminoso jardim?**

Ela explica: - "**Não, senhor,**  
**Nada vejo, em derredor,**  
**Quando é noite de Natal,**  
**Meu sofrimento é maior...**"

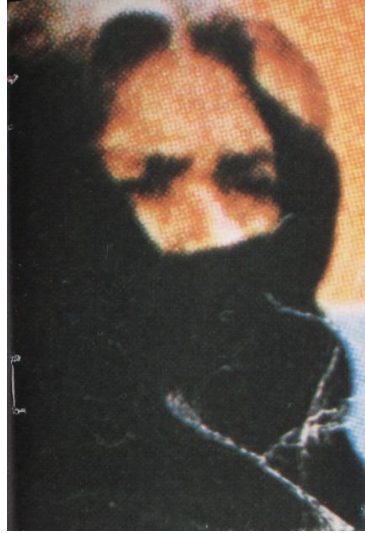


**"Que quer você? - Disse o jovem -  
Dinheiro? Roupas de renda?  
Um tanque para lavar,  
Um milharal de fazenda?!..."**

**"Ah! senhor  
- clamou a pobre,  
Tremendo na ventania -  
Se o Céu me escutasse agora,  
Nada disso pediria..."**



**Como sempre, rogo em prece,  
Enferma e só como estou,  
O filho que Deus me deu  
E a morte me arrebatou..."**



**"Sua oração foi ouvida..."**  
**Ele informa, face em luz.**  
**"Quem ouço?..." indaga Sabina.**  
**Ele diz: - "Eu sou Jesus!..."**

Do manto dele um pequeno  
Sai envolto em doce brilho...

**Clama o garoto:**



**- "Mãe!..."**



**Sabina grita: - "Ah! Meu filho!..."**



Encontro, surpresa, bênção,  
júbilo imenso depois...  
Sabina beijava o filho,  
Jesus abraçava os dois!...

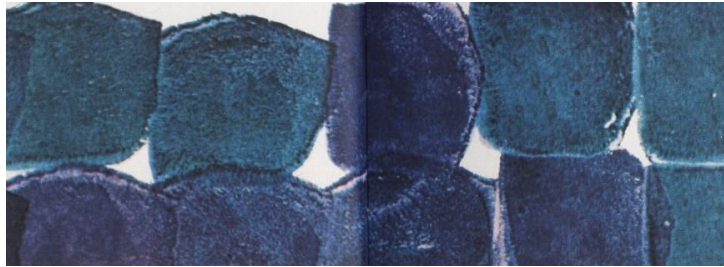


Naquelas pedras de rua,  
Que a luz do Céu banha e doura

Clarões pintavam em prata  
Lembranças da Manjedoura.

Logo após, os três partiam  
Ouvindo canções ditosas,  
Em nave feita de estrelas  
Emolduradas de rosas.

Em toda parte, as legendas  
Que o mundo nunca esqueceu:  
**"Glória a Deus!... Paz sobre a Terra!...  
Hosanas!... Jesus nasceu!..."**



No outro dia, cedo ainda,  
Uma senhora na estrada,  
De longe, enxerga Sabina  
Como a dormir, recostada...

A dama quase supõe  
Na pobre que conhecera  
Um retrato da alegria  
Numa escultura de cera.

Volta à casa... Traz um caldo,  
Quer saber se a reconforta.  
Chama Sabina, de leve,

Mas Sabina...



**estava morta.**



***FIM***